

O PROCESSO DE SEMIFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES POSSÍVEIS E NECESSÁRIAS NA RELAÇÃO INFÂNCIA E INDÚSTRIA CULTURAL.

** Anilde Tombolato Tavares da Silva*

RESUMO: Este artigo insere-se num panorama contemporâneo que embasa a essência da infância permeada pela indústria cultural buscando problematizar sua correlação entre a produção de saberes culturais fragmentados que refletem na semiformação e numa pedagogia parcializada na escola contemporânea. Amparados pelo pensamento de Max Horkheimer e Theodor Adorno buscamos lançar um olhar mais atento e crítico para a educação contemporânea que sob a égide da bandeira da formação do indivíduo crítico e transformador, submete-se passivamente ao processo de semiformação e conformação diante dos encantos que se produzem através da Indústria Cultural. Desta forma, confrontar os desafios postos no campo da educação e da prática educativa, os limites e a possibilidade de se assumir a escola como espaço de produção do novo, do não dito, do não pensado em detrimento do que já está instituído.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Semiformação. Indústria Cultural. Infância.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre a Indústria Cultural e o processo de semiformação nos leva, obrigatoriamente ao pensamento de Adorno que ao lado de Max Horkheimer formam um marco e referência obrigatória aos que se lançam pelo estudo da educação contemporânea imersa no empobrecimento formativo influenciado pela Indústria Cultural. O interesse deste artigo é identificar e problematizar o movimento acerca do tema da indústria cultural e o processo de semiformação do professor em que os saberes culturais fragmentados se refletem numa pedagogia parcializada da educação da criança. Desta forma, ter a possibilidade de construir nosso próprio percurso para compreender o trabalho pedagógico na educação da infância contemporânea, com vista à superação do que está posto pela Indústria Cultural e dos desafios postos no campo da educação e da prática educativa. Queremos encontrar os limites e as possibilidades de se assumir a escola como espaço de produção do novo, do não dito, do não pensado em detrimento do que já está instituído. O eixo norteador dos estudos contou com a contribuição das ideias da filosofia crítica, principalmente de Max Horkheimer e Theodor Adorno no que se refere a análise da Indústria Cultural e de seus leitores.

* Doutora em Educação. Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina. Atua na área de Formação de Professores. E-mail: anildetombolato@gmail.com

Partimos do pressuposto que o cenário contemporâneo, a partir das transformações tecnológicas que alteram as relações sociais, solidifica a sensação de que não há obstáculos para impedir que o processo da Indústria Cultural alimente as trocas globalizadas de diferentes produções e valores culturais. A fetichização da técnica e reificação das consciências insistem em lembrar-nos que há uma ênfase sem medida nas relações de produção e reprodução da cultura e saberes mercantilizados. Amplia-se o universo de produção de mercadorias simbólicas que passam a ser oferecidas pela Indústria Cultural, sem que isto represente automaticamente a universalização do conhecimento.

Apesar do alto nível tecnológico da sociedade contemporânea, a cultura e os saberes por ela produzidos veiculados sob a perspectiva da Indústria Cultural, criam padrões comportamentais de ajustamento dos indivíduos que são disseminados ao processo mais amplo de circulação de mercadorias, constituindo, assim, a padronização de comportamentos, desejos, ideias, grupos de relações, preferências, narrativas, imagens, pensamentos e ações. A criança e a escola acabam sendo contagiados por esse processo de inculcação e ideologias, cabendo desse modo, um olhar crítico à realidade em favor da superação do que está posto.

INDÚSTRIA CULTURAL E O PROCESSO DE SEMIFORMAÇÃO

A indústria cultural integra e administra os níveis do comportamento social como parte integrante das necessidades simbólicas dos indivíduos no contexto mais amplo do desenvolvimento da sociedade industrial. Ao mesmo tempo, é ferramenta e produto do sistema capitalista, sendo a própria voz do sistema; caracterizada por sua dimensão acultural, técnica, consumo de massas e mercadoria.

A Indústria Cultural é uma realidade procedente da sociedade contemporânea e seu conceito foi apresentado por Horkheimer e Adorno no livro *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*, publicado, em 1947, em Amsterdã. Sabe-se que a obra é oriunda, aparentemente, de uma carta escrita por Adorno a Horkheimer, na qual se menciona a expressão como sinônimo da dialética entre cultura e barbárie, que já se anunciava no início do século XX e que se constitui em uma das principais contribuições do texto de Adorno às formulações centrais da obra de dialética. A intenção destes autores era denunciar que nas relações de troca de mercadorias a que são reduzidas todas as relações sociais, o produto cultural perde seu brilho, sua unicidade e sua especificidade de valor de uso. Ao se transformar em valor de troca, se dissolve sua verdadeira essência e a percepção estética, também se transforma em processo produtivo.

Neste sentido, os saberes mercantilizados, vão se traduzindo em produtos personificados pela sua disseminação e padronização através da naturalização das ideologias de reprodução criadas na sociedade contemporânea que retrata, através da simbologia a manipulação de uma série de representações sociais sacralizando momentos do cotidiano que vão costurando e criando outra realidade nas relações concretas de vida que se reproduzem num mundo idealizado. A educação escolar, como espaço de disseminação dos saberes culturais se junta aos da Indústria Cultural provocando a composição de uma espécie de paralisia da consciência humana, num processo em que a semiformação da criança e do professor circulam a produção e reprodução dos saberes culturais.

Estamos diante de um processo em que o desenvolvimento da produção e reprodução midiática no cenário contemporâneo imprime a sensação de aparente liberdade política, econômica e moral que não se concretiza. A liberdade de fato autônoma, de usar o próprio entendimento, tem cada vez mais se reduzido à esfera da vida privada, uma vez que as escolhas precisam ser adequadas às necessidades e exigências do sistema de produção. Diante desta condição, o projeto de uma possível emancipação exige que a cultura e a arte possam desempenhar este papel de superar a persistente fetichização da técnica e a reificação das consciências que materializam a ênfase sem medida nas relações de produção de mercadoria e consumo. Esta é a crítica à semiformação, argumento construído por Theodor Adorno sobre a idéia de uma crise cultural e formativa que afeta o viver do homem em sociedade e sua relação com os bens culturais criados. Um alerta, onde a criança, nosso foco de análise, acaba sendo seduzida por esse processo de inculcação de ideologias e novas formas de pensar e ver o mundo voltado para a adaptabilidade e conformidade, exigindo do trabalho do professor, um olhar crítico à realidade em favor da superação da semiformação.

A partir do desenvolvimento das sociedades industriais ou do desdobramento social do que se chamou de Revolução Industrial, assistimos a reinvenção dos modos de sujeição, que modelam o cotidiano e influenciam a esfera da cultura. O que se percebe é que a partir deste momento, passamos a viver e conviver com uma sociedade conduzida não por um projeto político e ideológico, mas diante de uma sociedade totalmente conduzida pela técnica. A técnica passou a ser a nova estrutura ideológica e, nesse sentido, até a cultura transformou-se em mercadoria.

Horkheimer e Adorno (1985, p.127) ao analisarem o impacto das inovações da produção industrial de massa na vida do homem vão nos dizer que:

O fato de que suas inovações características não passem de aperfeiçoamento da produção em massa não é exterior ao sistema. É com razão que o interesse de inúmeros consumidores se prende à técnica, não aos conteúdos teimosamente repetidos, ociosos e já em parte abandonados. O poderio social que os espectadores adoram é mais eficazmente afirmado na omnipresença do estereótipo imposta pela técnica do que nas ideologias rançosas pelas quais os conteúdos efêmeros devem responder. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p.127).

A técnica materializada na indústria cultural cria condições favoráveis para a implantação de seu comércio. O valor de uso é absorvido pelo valor de troca em vez do prazer estético, o que se busca é conquistar prestígio e não propriamente ter uma experiência com o objeto. Numa leitura ampla do termo, percebemos que o conceito de Indústria Cultural pode ser identificado naquilo que possui de mais ambíguo. De acordo com Zuin (2001), se os termos - *Indústria e Cultura* – são excludentes, não se realizam completamente, mas, se assemelham a indústria quando destacam a estandardização de determinado objeto e quando dizem respeito à racionalização das técnicas de distribuição. Entretanto, não se pode defini-lo apenas por este viés da indústria, pois não se refere apenas ao processo de produção, mas pelo que argumenta Adorno (1986, p.94) “cada objeto carrega em si como marca de sua individualidade”. Estas particularidades engendradas na fetichização da técnica e na reificação da consciência, nada mais são do que “mercadorias padronizadas que podem ser trocadas e que cobram seus dividendos na consolidação de sua individualidade danificada” (ZUIN, 2001, p.11).

A relação entre Indústria e Cultura, assume peso, espaço crescente e atuante em todos os instantes e lugares. A lógica das relações de produção de bens materiais e simbólicos que resulta numa cultura subsumida ao mercado de consumo e transfere para a posse dos objetos o prestígio social do sujeito, está dada pela repetição dos esquematismos industriais no instante de produção e lazer. Um argumento que ganha voz em uma utopia “abstrata que se ajustaria com demasiada facilidade as mais consumadas tendências da sociedade. Que todos os homens se assemelhem é o bem que lhe apraz” (ADORNO, 2008, p.98). A Indústria Cultural conferiu a todos os seus produtos instrumentais e a própria cultura *um ar de semelhança*, de parentesco e fornece por toda a parte, bens padronizados. Cada setor da produção é uniformizado e todos os são em relação aos outros.

Este *ar de semelhança* se entrelaça no conjunto de meios de comunicação como o cinema, o rádio, a televisão, os jornais, as revistas e o computador através da internet e redes sociais que formam um sistema poderoso para gerar lucros e por serem mais acessíveis às massas, exercem um tipo de manipulação e controle social, ou seja, a Indústria Cultural, não

só edifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos. Para estes filósofos, a publicidade já na década de 1940 do século passado se tornara o “elixir da vida da indústria cultural” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p.151).

A partir do desenvolvimento das sociedades industriais assistimos a reinvenção dos modos de subjeção, que modelam o cotidiano e influenciam a esfera da cultura. Por meio da indústria de produção, obtém-se uma marca da cultura de massa: a serialização, a padronização e a divisão de trabalho. Uma situação que não provém de uma lei de evolução da tecnologia enquanto tal, mas de sua função na economia atual. Para Horkheimer e Adorno (1985, p. 114):

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massa é idêntica [...] O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como ideologia destinada a legitimar o lixo que propositadamente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem todas dúvidas quanto à necessidade social de seus produtos.

Assim, a indústria cultural integra e administra os níveis do comportamento social como parte integrante das necessidades simbólicas dos indivíduos no contexto mais amplo do desenvolvimento da sociedade industrial. Utiliza-se da tecnologia e é viabilizada por ela. Ao mesmo tempo, é ferramenta e produto do sistema capitalista, sendo a própria voz do sistema; caracterizada por sua dimensão acultural, técnica, consumo de massas e mercadoria. Horkheimer e Adorno (1985, p. 36) afirmam que a cultura “simula uma sociedade digna do homem, o que não existe [...]”.

A dimensão cultural mais autêntica deste princípio civilizatório desloca-se da dimensão estética/cultural esvaziada de sentido, para reduzir-se a uma dimensão de saberes culturais fragmentados voltados para diversão e lucro cuja finalidade é subsumir o sujeito à lógica do mercado de que se constitui a totalidade da organização social. Cultura e arte que tinham uma concepção como via de expressão e contestação transformam-se em mercadorias reproduzidas em série e designadas de acordo com os interesses do sistema econômico capitalista e que passam a ser absorvida pelos consumidores que se tornam, não o sujeito, mas o objeto dessa indústria. Nesse sentido, Horkheimer e Adorno (1985, p. 176), ao anunciar a Indústria Cultural enquanto prestadora de serviço ao cliente, afirmam:

Não se trata tanto para a indústria cultural de adaptar-se às reações dos clientes, mas sim de fingi-las. Ela as inculca neles ao se comportar como se ela própria fosse um cliente. Seria possível suspeitar que todo esse ajustamento, ao qual ela assevera obedecer também, é ideologia; as pessoas se esforçariam tanto mais para se igualar às outras e ao todo, quanto mais empenhadas estivessem – através da igualdade exagerada, esse juramento público de impotência social

– em participar do poder e em minar a igualdade. [...] A indústria cultural modela-se pela regressão mimética, pela manipulação de impulsos de imitação recalcados. [...] Ela consegue fazê-lo tanto melhor quanto mais, em um sistema estabilizado, ela pode contar de fato com tal assentimento, precisando muito mais repeti-lo de maneira ritual do que, a rigor, produzi-lo. O que ela produz não é um estímulo, mas um modelo para maneiras de reagir a estímulos inexistentes. (HORKHEIMER; ADORNO 1985, p. 176).

Apesar do alto nível tecnológico, os saberes culturais veiculados sob a perspectiva da Indústria Cultural, cria padrões comportamentais de ajustamento dos indivíduos que são disseminados ao processo mais amplo de circulação de mercadorias, constituindo, assim, a padronização de conhecimentos, comportamentos, desejos, ideias. Horkheimer e Adorno (1985, p. 21) afirmam que “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade”. Assim, “toda a pretensão do conhecimento é abandonada”. Quanto mais se afasta do conceito e da possibilidade de negação, mais o pensamento conforma-se com a mediocridade e com a repetição. Para os autores, “quanto mais a máquina do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 38).

Como consequência, o que percebemos é um definhamento do elemento crítico do homem, atuando como mero instrumento a serviço da ordem existente. O pensamento e o conhecimento se vê privado “não só do uso afirmativo da linguagem conceitual científica e cotidiana, mas igualmente da linguagem da oposição” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 12). As massas acabam por absorver submissamente as verdades da ciência positiva. Os autores afirmam:

É ainda muito otimista pensar que o indivíduo esteja sendo liquidado como osso e tudo. Pois mesmo na sua negação pura e simples, na supressão da mônada através da solidariedade, estaria plantada ao mesmo tempo a salvação do ser singular, que apenas na sua relação com o universal tornar-se-ia um particular. A situação atual está muito distante disso. [...] Em meio às unidades humanas padronizadas e administradas, o indivíduo vai perdurando. [...] Seu temperamento vivo e sem inibição, suas idéias inesperadas, sua originalidade, ainda que isso não passe de uma particular feiúra, até mesmo sua algaravia, transforma o que é humano em traje de clown. Submetidos ao mecanismo universal da concorrência e não podendo se adequar ao mercado nem se impor nele de outra forma que não seja através da fixação de sua alteridade, mergulham de maneira apaixonada no seu próprio privilégio, exagerando a tal ponto que chegam a erradicar por completo aquilo que são tomados. Eles se vendem como fornecedores de calor humano em meio a frieza comercial [...] (HORKHEIMER ; ADORNO 1985, p.118).

A semiformação, fruto da crise dos processos formativos e emancipatórios da cultura se universalizou graças ao aparato técnico da produção e reprodução da cultura de massa. É o espírito conquistado pelo caráter do fetiche da mercadoria que revela a realidade social, onde

as diversas formas de expressão artística que gozavam de uma autonomia estética como obras de arte e música foram convertidas em “pseudocultura” pelos monopólios comerciais em nome da democratização cultural, tornando-se forma dominante da consciência contemporânea. O que nos leva a pensar sobre os conteúdos culturais que, por serem veiculados nos aligeiramentos e imediatismos informativos sustentam um empobrecimento civilizatório que resulta numa formação social regressiva que enquadra os indivíduos nos modelos do mercado e da produção. Esse empobrecimento civilizatório nada mais é do que o conjunto de características próprias à vida social coletiva, acarretando ações bárbaras e violentas, próximas do meramente instintivo, atitudes comportamentais reducionistas e imitativas, como o “ignorante feliz, o egoísta simulado, o auto-referente venerado, a idolatria das celebridades narcísicas, a estereotipia corporal, o intelectualismo postiço, o mercantilismo estético, mistificação religiosa do desamparo político e etc.” (DUARTE, 2003, p. 23).

Diante de uma sociedade essencialmente capitalista, onde o mercado contribui para a sujeição do sujeito para a reprodução da realidade e provoca efeitos no comportamento daquele que vai consumir a mercadoria cultural, a estética do efeito mostra suas garras com mais afinco no processo de mercantilização dos produtos culturais e assim, a apreciação deles, fica limitada a se converter em prazer e diversão.

A educação escolar está cada vez mais constituída por uma experiência social “mediatizada” e, portanto não é idealizada pela emancipação, mas dialeticamente baseada na crítica a semiformação real, e se orienta por possibilidades presentes, embora não concretizadas na experiência das contradições da formação social efetiva. É possível pensar ainda em *formação*, se como dizem Horkheimer e Adorno (1985, p. 145), “pseudo-individualidade é um pressuposto para compreender e tirar da tragédia sua virulência: é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras tendências das encruzilhadas do universal, é possível reintegrá-los totalmente na universalidade”. Parece que o sujeito e sua experiência não são mais possíveis porque o trabalho de conceituá-lo já está danificado e, no lugar dele nada foi posto, ficando somente a semi-informação.

A cultura como se apresenta hoje, já não pode ser mais apreendida como ideal emancipatório, mas como uma realidade conservadora que legitima a sociedade vigente que a reconstrói como cópia ordenada. O processo de semiformação é que determina o ordenamento de adequação e sujeição aos termos existentes da reprodução social. Ela seria a forma social da subjetividade determinada pela sociedade de massa que não pode ser explicada a partir de si

mesma, porque constitui resultado não só do processo de sujeição do indivíduo, mas de entender como os homens se sujeitam a si próprios. Para Adorno (1996, p.405-406):

O semiculto (semiformado) dedica-se a conservação de si mesmo sem um si mesmo. Não pode permitir, então, aquilo em que, segundo toda teoria burguesa, se constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Assim, procura subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo em que, objetivamente, se coloca todo contra ela. A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações. [...] A semiformação é uma fraqueza em relação ao tempo, a memória, única mediação que realiza na consciência aquela síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos. [...] O conceito fica substituído pela subsunção imperativa a quaisquer clichês já prontos, subtraídos a correção dialética, que descobre seu destrutivo poder nos sistemas totalitários. [...] Sob a superfície do conformismo vigente, é inconfundível o potencial destrutivo da semiformação cultural. Ao mesmo tempo em que se apossa fetichisticamente dos bens culturais, está sempre na iminência de destruí-los.

As relações que se estabelecem nas grandes cidades de hoje, em tempos da individualização do homem diante do mundo tecnológico, sugerem a amizade concebida como contato social de pessoas que não se tocam mutuamente e a escola reafirma este sentimento através da inércia ante uma postura não reflexiva e emancipatória de seus saberes e práticas. Mais do que isso, perdemos a noção das necessidades reais da humanidade. O que é importante nessa relação de mercado e saberes culturais é o valor de troca, quer dizer, o que se ganha, consumindo ou produzindo algum conhecimento. Os meios midiáticos e o próprio mercado têm-se constituído em grande responsável na disseminação e inculcação desses saberes mercantilizados na escola, produzindo necessidades, criando novos valores, controlando a eficácia dos estímulos efetuados junto ao público consumidor e verificando novas oportunidades de mercado, via indústria cultural.

É nesse prisma que assistimos às críticas de Adorno (1996) referentes à sociedade do conhecimento e da informação como mercadoria que se (re)produzem na escola, em que a Indústria Cultural alega guiar-se pelos consumidores e fornece-lhes aquilo que desejam. Narrativas mais consistentes e autênticas interpretam e identificam contradições ocultas ou mal nomeadas que se impõem como determinantes da realidade social engendrada pelo modelo econômico dominante. A estrutura interpretativa da realidade, que tais narrativas diferenciadas traduzem, permite ao indivíduo vivências reflexivas como possibilidades de experiências que ampliam sua capacidade de autodeterminação na vida social.

INFÂNCIA E OS SABERES CULTURAIS FRAGMENTADOS

Temos que pensar que esta infância, tratada como invenção moderna, iluminista traz consigo interpretações diversas que permeiam a ideia de que as crianças são seres em formação, incompletos e que necessitam de ações corretivas, ou ainda que são representantes de um estado de natureza primitivo, destituídas de razão completa. Horkheimer e Adorno (1985, p.35) na *Dialética do esclarecimento* trazem passagens que tratam na crítica a cultura e ao processo civilizador, de mostrar a equiparação, no *mundo administrado*, das crianças, das mulheres, dos loucos, enfim, das criaturas “mais próximas da natureza, mais miméticas e menos racionais.”

Em nossa tradição, continuamos a tratar a infância como um tempo de preparação, de proteção, dentro de um ideal de formação do sujeito autônomo, surgindo como esperança de um tempo melhor, um cruzamento de expectativas de um vir a ser e a educação escolar com seu aparato pedagógico e político alimentam estas expectativas. Neste sentido, deparamo-nos com uma pedagogia da Educação para a infância contemporânea que tem criticado a visão etapista da infância, onde as crianças são classificadas segundo critérios de maturação universal, vinculado as fases do desenvolvimento e valoriza-se a cultura e a infância plural que considere a multiplicidade da experiência de ser criança.

Em Adorno, a infância ecoa de forma contundente em seus textos que se situa no trabalho da memória de sua própria infância como matéria prima reflexiva que traz para o presente e para os labirintos da consciência a experiência de quando pequeno, que refletem questões que contribuem para nossa reflexão sobre a Indústria Cultural, a infância e o processo de escolarização.

A educação escolar, com todos os seus artefatos pedagógicos se junta aos da Indústria Cultural provocando a composição de uma espécie de comutação da consciência humana, que é, necessariamente, a repetição mecânica da consciência forjada no contexto da racionalidade instrumental, configurada pelo pragmatismo cultural que tomou conta do ambiente social massificado contemporâneo. Sem dúvida, um cenário no qual é possível vislumbrar as crianças como verdadeiros consumidores dos saberes e da cultura massificada compondo a malha social alienante e, ainda, divididos e subdivididos em níveis de consumo. Cada grupo está mapeado e deve consumir a gama de opções à sua disposição.

O atual homem comum, considerando aqui também o universo infantil inserido em meio a multidão tem sua identidade fragmentada diante do contato com os atuais aparatos

tecnológicos de sedução como a televisão ou o computador, que trazem consigo, sequências intermináveis de imagens que parecem não só falar por si, mas também por aqueles que as assistem. Segundo Zuin (2011, p:623):

Nossa atenção é concentrada em informações imagéticas para logo em seguida ser pulverizada, uma vez que tal informação é imediatamente substituída por outra num ritmo alucinante. As indiscutíveis benesses, que são produzidas quando o indivíduo acessa instantaneamente as mais variadas informações, não pode obnubilar o fato de que a atual indústria cultural desestimula o engedramento de relações entre tais elementos informativos. E que isso obstaculiza a realização do salto qualitativo da informação que se conservaria transformada em formação (*bildung*), na medida em que houvesse o tempo necessário para reflexão dos conteúdos assimilados.

É o que podemos chamar de “mercantilização” desses saberes que consagra a hegemonia da chamada falsa projeção em detrimento da capacidade projetiva que possibilita delimitar as fronteiras entre a identidade do indivíduo e a do outro, numa espécie de revitalização do conceito de semiformação elaborado por Adorno. Ao refletir sobre as diferenças entre seus desejos e as vontades alheias, o indivíduo é capaz de não só discernir sobre os limites de suas ações quanto também realizar, quando necessário, sua autocrítica em relação a uma determinada situação.

A educação escolar está cada vez mais constituída por uma experiência social e cultural homogeneizada e mercantilizada e, portanto não é idealizada pela emancipação, nem tampouco dialeticamente baseada na crítica da semiformação real, e se orienta por possibilidades presentes, embora não concretizadas na experiência das contradições da formação social efetiva.

Adorno propõe que se o professor não estiver disposto e aberto para este esforço espontâneo, então que não se dedique a tarefa de ensinar, pois a formação instrumentalizada e limitada a profissionalização, tende a aprisionar o conhecimento que impede o exercício da autonomia. No lugar da consciência reflexiva, a formação docente retira de si o elemento crítico essencial do professor que se quer mais do que um simples especialista e instaura-se o aprisionamento aos termos filosóficos, aos chavões, cristalizando a consciência coisificada, financiada pela Indústria Cultural, distanciando-se da reflexão sobre o objetivo, sobre o trabalho e sobre a realidade. É desta forma de pensar que Adorno vai afirmar que “as pessoas acreditam estar salvas quando se orientam conforme regras científicas”, e nesse sentido, ao invés do trabalho intelectual, “a observação científica converte-se num substituto da reflexão intelectual do fátual” (ADORNO, 2003, p.70). É potencial da reflexão filosófica inerente ao trabalho docente, levantar-se contra as fragmentações e jargões que retiram de si qualquer

caráter filosófico, especificamente na atividade pedagógica da formação do espírito crítico desde a mais tenra infância.

Diante disso, vemos o capitalismo constituir-se enquanto mudança irreversível na sociedade e, principalmente, no pensamento humano. Mais do que uma alteração no modelo econômico, o modo de produção capitalista implicou e vem implicando em profundas transformações na relação entre homem e mundo. Essa preocupação se funda na certeza de que o singular não deve ser oposto do plural, ou seja, só pode existir na relação constitutiva com o plural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possível relação entre a indústria cultural, a infância e a semiformação, mediante uma realidade social que nos expropria cada vez mais da possibilidade de se ter experiência, nos silencia e nos leva ao empobrecimento da percepção estética/cultural e das práticas pedagógicas mediante a influência da mercantilização dos saberes culturais e a semiformação do indivíduo contemporâneo.

Nossa tarefa, assim, é pensar o trabalho docente na Educação da criança que, encontra-se na base de muitos discursos pedagógicos que o tomaram objeto de análise e assim, transformar nossa relação com a Educação por meio da necessidade de pensar a experiência formativa e os saberes culturais apreendidos no seu sentido emancipatório, como possibilidade de resistência ao instituído pela lógica da indústria cultural. Acreditamos que a escola voltada para a infância contemporânea não precisa ser condicionada pelas imposições do consumo de saberes padronizados de uma vez que existem encaminhamentos político-pedagógicos que contribuem para a emancipação de sua função, direcionando, no trabalho pedagógico, outra lógica do pensamento que não esteja restrita à lógica do mercado e da padronização.

Se voltarmos nosso olhar mais atento ao espaço escolar contemporâneo, a força cada vez mais atuante que age sobre o profissional de educação (de)formado pela Indústria Cultural, enfraquecido e desorganizado culturalmente com poucos conhecimentos e onde a imagem que predomina é a semiformação como um senso de verdade irrefutável. Por outro lado, os “pacotes” de programas curriculares definem os conteúdos, estratégias e recursos a serem usados, deixando pouca ou nenhuma liberdade de trabalho para o profissional da educação, tolhendo seu processo criativo. A semiformação é o espírito tomado pelo caráter fetichista da mercadoria e, como vivemos numa sociedade de consumo, o conhecimento e a cultura tornaram-se mercadorias e sujeitas as normas paradoxais em relação a sua natureza.

O processo de desintegração do ser humano provocado pela contemporaneidade e pela indústria cultural reprime e manipula nossos sentidos interfere na percepção que temos do mundo. É neste sentido que a visualidade desempenha importante papel, vislumbrando possibilidades de resistência à padronização imposta pela sociedade contemporânea. Para a construção desta percepção é necessária uma disposição do indivíduo, uma sensibilidade para a arte e com a mediação do professor, a criança pode “ver, observar, sentir, fazer e expressar” percebendo o mundo a sua volta com outra significação.

O profissional que atua na educação da criança tem o desafio de articular os saberes culturais e leituras de mundo nas práticas pedagógicas e que a percepção estética possa ser construída na escola pela crítica efetuada à indústria cultural e a anestesia dos sentidos, provocada por ela, pois se as subjetividades são construídas com influência da indústria cultural, significa que também podem ser “desconstruídas” e resignificadas a partir da resistência e da intervenção crítica dos educadores.

A apropriação de uma teoria e das práticas cotidianas que permite uma leitura para além da utilidade e padronização da criatividade humana devolve, efetivamente, aos espaços escolares e, especificamente, ao educador o exercício de sua atividade intelectual, ao viabilizar uma nova atitude como educador, pautada nos pressupostos de valorização da criança, oportunizando-lhe o desenvolvimento de suas possibilidades humanas e sociais, principalmente a formação da individualidade infantil e da expressão do seu pensamento criativo. Talvez este seja um dos caminhos para uma sociedade emancipada, não entendida como um estado unitário, mas “a realização do universal na reconciliação das diferenças” (ADORNO, 2008, p.99).

O pensamento reflexivo e criativo é elemento inerente e propulsor da atividade pedagógica que nos indica o caminho para o ideal de emancipação, mas estamos envolvidos pelo deslumbramento do processo tecnológico e nos deixamos levar, de certa forma, pela degeneração do pensamento reflexivo, ameaçando o conteúdo ético do processo formativo em razão de sua determinação social e a produção dos saberes culturais. Fomos expropriados da possibilidade de experimentar e envolvidos por uma formação que privilegia um saber técnico em detrimento do saber filosófico e criativo do pensamento, da reflexão crítica sobre a educação. A atividade docente, assim como toda a atividade do homem moderno, transformou-se em mera técnica ou aplicação de conhecimentos produzidos pelas ciências da educação, atendendo à necessidade social de aumento da eficiência, a demanda de qualificação profissional e aos padrões de consumo. Mera atividade repetidora, incapaz de traduzir-se em experiências narráveis.

Se pensarmos, sobretudo na experiência de ser professor ou de ser aluno, na experiência de estar num ambiente escolar ou num espaço pedagógico, a experiência adquire um sentido de experiência “não vivida”, pois aquilo que vivemos nesse ambiente não tem nada a ver conosco. É algo estranho tanto para nós quanto para a escola. No final do dia letivo tanto os professores quanto os alunos saem da escola mudos, sem ter o que dizer contribuindo assim para os dispositivos que desfacelam a experiência, a percepção estética e empobrecem seu fazer. Ao contrário, essas ações reproduzem os ditames da indústria cultural que padroniza e massifica o pensamento e os saberes padronizados.

A educação, enquanto processo de resistência, tem como desafio opor-se a esse processo de semiformação da prática docente, pois se ela se diz crítica, reflexiva e emancipatória, deveria avançar pela direção contrária, na qual a leitura, a escrita; assim como a produção de conhecimento sejam vagarosas e caminhem lentamente em direção ao “interior” do homem, por uma reflexão crítica e comprometida com sua história. A educação deve ter a função primordial de resistência ao inumano e, sedimentada na possibilidade de tornar o homem humano. À medida que a educação permite a percepção da inumanidade do próprio homem, da barbárie, instaurada na história pelos sofrimentos e traumas, e da sedução que a indústria cultural e o desenvolvimento tecnológico trazem, também mobiliza o pensamento à reflexão para inventar e começar de novo, por uma infância que persiste mesmo na idade adulta.

SEMI-FORMATION PROCESS IN EDUCATION: POSSIBLE AND NECESSARY REFLECTIONS IN RELATION TO CHILDHOOD AND CULTURAL INDUSTRY

ABSTRACT: This article is inserted in a contemporary overview that is based on the childhood gist surrounded by the cultural industry trying to render problems to its co-relation between production of fragmented cultural knowledge which reflects in the semi-formation and in a partial pedagogy in the contemporary school. Helped by Max Horkheimer and Theodor Adorno thoughts we try to launch a thoughtful and critical look to the contemporary education which under the aegis of the formation's flag from a critical and transforming being, it passively submit itself to the semi-formation process and conformation before the beauty that is produced by cultural industry. In this way, confronting the challenges imposed by the education field and the educative practice, the limits and possibilities of assuming a school as a space to produce the new, what is not said, what is not thought at the expense of what is already instituted.

KEY WORDS: education. Semi-formation. Cultural industry. Childhood

EL PROCESO DE SEMIFORMACIÓN EN EDUCACIÓN: REFLEXIONES POSIBLES Y NECESARIAS EN LA INFANCIA Y LA RELACIÓN CON LA INDUSTRIA CULTURAL

RESUMEN: Este trabajo es parte de un paisaje contemporáneo que es compatible con la esencia de la infancia impregnado por la industria de la cultura que desean cuestionar la correlación entre la producción de conocimiento cultural fragmentada que refleja en erudición y una pedagogía parcializada en la escuela contemporánea. Apoyado por el pensamiento de Max Horkheimer y Theodor Adorno tratar de lanzar una mirada más atenta y crítica para la educación contemporánea bajo los auspicios de la bandera de la formación del individuo crítico y transformador, sufrir pasivamente a la erudición y el proceso de formación de los encantos que antes producir a través de la industria cultural. De esta manera, hacer frente a los retos que se plantean en el campo de la educación y la práctica educativa, los límites y la posibilidad de tomar la escuela como el nuevo espacio de producción, lo no dicho, de ningún pensamiento en detrimento de lo que ya está en su lugar.

PALABRAS CLAVE: Educación. Semiformación. industria cultural. La infancia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Teoria da semicultura. Educação e sociedade, Campinas: CEDES, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.

ADORNO, T. W. Educação e emancipação. Trad. Wolfgang Leo Maar, São Paulo: Paz & Terra, 2003.

ADORNO, T. W. Indústria cultural. Trad. Amélia Cohn. In: COHN, G. (Org.) Theodor W. Adorno: sociologia. São Paulo: Ática, 1986.

ADORNO, T. W. Mínima moralia: reflexões a partir da vida lesada. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

DUARTE, R. Teoria crítica da indústria cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Dialética do esclarecimento. Fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ZUIN, A. A. S. Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. Cadernos Cedes, Campinas, n.54, ano 21, p. 9 a 18, ago., 2001.

ZUIN, A. A. S. Indústria cultural e semiformação: a atualidade da educação após Auchwitz. Revista Educação e Filosofia. Uberlândia, v. 25, n. 50, p. 607-634, jul./dez. 2011.

Recebido em fevereiro de 2016.

Aprovado em agosto de 2016.